

## A Comunicação de Estrada na América do Sul: Profusão, Coexistência e Encaixes Móveis na Prática Viajante<sup>1</sup>

Marcela BELCHIOR<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP

### RESUMO

Discutimos neste artigo a experiência de viajantes independentes na América do Sul. Verificamos em que medida a comunicação de estrada no continente se manifesta a partir de um contexto de vasta profusão de heterogeneidades e alteridades, na qual as culturas sul-americanas não apenas favorecem o dinamismo estrutural da rota desses caminhantes nas combinações entre códigos, séries, linguagens e acontecimentos, como também o provocam e o exponenciam. Para isso, dialogamos os autores Amálio Pinheiro, Manuel Delgado, Iuri Lotman, Edgar Morin e Eduardo Viveiros de Castro, e apresentamos a experiência de viajantes em localidades do Pará, Amazonas e Maranhão, no norte e nordeste do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** viajantes independentes; espaço urbano externo; poética da comunicação; América do Sul.

Os três caminhávamos pelo acostamento da Rodovia Estadual Everaldo Martins, no oeste do estado do Pará, movidos por um desejo de experiência. Com os pés coloridos de terra vermelha, observávamos a densa mata que circundava a pista principal e escorregávamos por pedregulhos do caminho. “*El viento viene / El viento se va / Por la frontera / El viento viene / El viento se va / El hambre viene / El hombre se va / Sin más razón / El hambre viene / El hombre se va / Ruta Babylon... Por la carretera / Por la carretera*”,<sup>3</sup> cantarolava Carmen, acompanhada de Ivan. Ela, uma professora andaluza que vivia no Brasil e colocara pela primeira vez uma mochila nas costas havia poucas semanas, saindo do Nordeste e passando pelo Norte do país. Ele, artista de circo nascido em Cali, Colômbia, cumprindo funções de malabarismo nas praças e semáforos das cidades durante um trajeto pela América do Sul, havia quebrado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação Popular e Alternativa, do PENSACOM BRASIL 2017.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem (PUC-SP, CNPq). Contato: belchior.marcela@gmail.com.

<sup>3</sup> Trecho da música “El viento”, de Manu Chao, da qual reproduzo a seguir a letra completa: “El viento viene / El viento se va / Por la frontera / El viento viene / El viento se va / El hambre viene / El hombre se va / Sin más razón / El hambre viene / El hombre se va / Ruta Babylon... Por la carretera / La suerte viene / La suerte se va / Por la frontera / La suerte viene / La suerte se va / El hambre viene / El hombre se va / Sin más razón / El hambre viene / El hombre se va / Cuando volverá / Por la carretera”.

o braço em uma das apresentações. Impossibilitado de prosseguir com as performances, assentara-se temporariamente na vila de Alter do Chão, distrito do município de Santarém, naquele setembro de 2013. Haviam-se enamorado por entre preparos de comida na cozinha de uma hospedaria e banhos de rio nas águas mornas do Tapajós.<sup>4</sup>

Avistamos a placa do espaço Caminho das Pedras após pouco mais de uma hora e meia de caminhada. Cruzamos a pista e seguimos uma trilha de vegetação densa até chegarmos à entrada do lugar. Paramos no matagal e pensamos por alguns instantes como, afinal, deveríamos proceder. Para as boas-vindas, ali havia uma cuia de cabaça que sustentava uma larga tampa de latão, como de uma lixeira, de onde pendia um grande osso de animal. Com dois leves toques do instrumento, Carmen nos anunciou. Um chacoalhar entre as plantas e entrevimos Bush, o enfermeiro Welton, que lidera rituais de práticas xamânicas e, curiosamente, mantém uma grande semelhança física com o ex-presidente dos Estados Unidos.<sup>5</sup> Ao lado dele, saracoteando, Shakira, uma cadela acinzentada que leva nome de artista “porque gosta de se mostrar”.

Ao escutar o que viemos fazer, Bush nos convida a entrar e conversar sobre o ritual. Tomamos um caminho por entre a mata e avistamos um variado cultivo de plantas e uma cabana de madeira. Embora profissional da enfermagem, Welton nunca havia atuado em hospital. Acumulara conhecimento de cura, cuidado e materiais da convivência com as medicinas caboclas da região. Era o xamã pelo qual procurávamos. Sentamo-nos frente a frente e ele explicava vagarosamente em que consistia o trabalho. Trajava bermuda Adidas, uma camisa de turismo vestida ao avesso e calçava um par de chinelas Havaianas. Mostrou-nos o banheiro seco, conhecemos a composteira, a horta em espiral, o círculo de água onde aconteciam os rituais.

Inalamos rapé, pó extraído de folhas de tabaco torradas e moídas usado para limpar as fossas nasais e, acredita-se, abrir os chacras da face. Disfrutando de uma intensa sensação de frescor que percorria toda a região da cabeça, surge um rapaz a passos largos e afobados. Viria de onde? “De Malos Aires”, queixava-se o argentino Felipe. “Não sou argentino. Sou um latino-americano. Vivo em toda a América Latina. Sou um rapaz latino-americano, como dizia Raul Seixas”, diz Felipe, certamente

---

<sup>4</sup> As informações da experiência relatadas e discutidas neste texto fazem parte de Diário de Viagem da pesquisadora, que esteve presencialmente na localidade em agosto e setembro de 2013.

<sup>5</sup> George W. Bush, presidente dos EUA de 2001 a 2009.

referindo-se à música de Raul na qual ele cita a composição de Belchior.<sup>6</sup> Rejeitando uma nacionalidade fixa, Felipe vive em vaivém por entre as fronteiras da América do Sul, especialmente ao longo da extensão amazônica. Anda a passos largos como quem já transita com segurança por um espaço familiar.

Naquela madrugada haveria trabalho.<sup>7</sup> Acertamos que, horas depois, voltaríamos ao sítio, passaríamos a noite no local e, na transição da noite para o dia, faríamos a consagração. Assim o fizemos. Já na terceira longa caminhada o dia, por volta das onze horas da noite, retornando ao sítio, os muitos trechos de completa escuridão da estrada fazia explodir no céu a imagem do pó de estrelas, remetendo-nos a uma sensação de circunstância ancestral. Ao chegar ao Caminho das Pedras, acomodamo-nos num redário. O alto ruído dos bichos da mata durante toda a noite nos lembrava de que não estávamos sós. Uma noite de precauções para não sermos picados, mordidos, comidos, urinados. Shakira e Carrapato, um cachorro visitante que comia toda a horta e que não cedia às tentativas de despacho, não descolaram os focinhos dos fundos de nossas redes.

No fim daquela madrugada chuvosa à beira de um igarapé da mata, mansamente o grupo se reuniu em círculo na cerimônia marcada para as cinco horas da manhã, no desejo de se associar à energia do encontro entre lua e sol. Welton explica as etapas do ritual com *ayahuasca*<sup>8</sup> aos visitantes, enquanto divide dois baseados com o grupo, todos acomodados em esteiras de palha no abrigo da casa de preparo. Instantes depois, iniciam a consagração do chá, que se estende por seis, sete horas por entre clareiras e trilhas do sítio. É momento de abrir canais de escuta sensível do corpo às relações cósmicas; sujeitos, árvores, bichos, águas, tambores, a terra, o céu — todos se intrincam em fluxo.

Depois do xamã, o primeiro a tomar do chá é Felipe, a curtos e lentos goles de desagrado, mas com firmeza. Na sequência, consagra a bebida Caio, jovem

---

<sup>6</sup> Em estrofe da música “Eu também vou reclamar”, Raul Seixas nos traz à lembrança a composição “Apenas um rapaz latino-americano”, de Belchior, conforme se pode observar: “Mas agora eu também resolvi / Dar uma queixadinha / Porque eu sou um rapaz / Latino-americano / Que também sabe / Se lamentar” (SEIXAS). “Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco / Sem parentes importantes e vindo do interior / Mas trago, de cabeça, uma canção do rádio / Em que um antigo compositor baiano me dizia / Tudo é divino, tudo é maravilhoso / Tenho ouvido muitos discos, conversado com pessoas, caminhado meu caminho / Papo, som dentro da noite e não tenho um amigo sequer / Que não acredite nisso, não, tudo muda e com toda razão” (BELCHIOR).

<sup>7</sup> Modo de chamar o ritual de ingestão de *ayahuasca*.

<sup>8</sup> Bebida enteógena que induz ao estado xamânico. Em quíchua, *aya* significa “espírito” e *waska* quer dizer “cipó”, podendo ser traduzida como “cipó do espírito”. Faz parte da medicina tradicional dos povos da Amazônia e é produzida a partir do cipó mariri e da folha chacrona.

estadunidense nascido na Flórida que perambula pela estrada “sem saber por quê”, como afirma, e aportara ali dois meses antes. Discreto e silencioso, passava o tempo a cultivar a terra, a descansar no balanço da rede e a conhecer as medicinas dos povos das florestas. Ajuda a produzir a horta, desidrata frutas ao sol, reaproveita resíduos na composteira do terreno que um dia passou por um sem-número de queimadas de proprietários anteriores e que só nos últimos vinte anos recupera a fertilidade de sua mata. Carmen e Ivan estão presentes. Além deles, um rapaz que se aproxima, senta-se e participa do ritual, mas que os outros visitantes não parecem saber de quem se trata, de onde veio, para onde vai. Eu testemunho e integro o grupo.

A manhã transcorre num deslizar pelo toque do tambor, o zunido dos bichos na vegetação, o som das águas, os ruídos da experiência espiritual de cada um do grupo — vômitos, choros, tropeços, reflexão, observação, sono. Próximo ao meio-dia, Bush agrega os visitantes ao pé de uma árvore para encerrar o trabalho e partilhar a experiência. Também caminhando pelas nossas pernas, todos observam a dinâmica das formigas ao longo daquele tronco, que se organizam para desfolhar a planta inteira. “Elas sobem nos galhos, cortam as folhas, que caem no chão e as carregam para dentro do formigueiro. Essas folhas vão cultivar um fungo, o verdadeiro alimento das formigas. As danadas são agricultoras!”, ensina Bush. Com a chegada de Ivan e Carmen à reunião do grupo, que se banhavam no igarapé, encerramos o trabalho e nos dissipamos pelo sítio.

Como as formigas-cortadeiras, o grupo permaneceria ali para laborar na nutrição do cultivo. Os visitantes recebidos no Caminho das Pedras retribuem trabalhando a terra. Limpam, cortam, plantam, adubam, colhem, constroem. Bebem do chá cujas raízes e folhas são extraídas daquele chão. E naquele mesmo solo são convidados a deixar o labor das mãos.

Já nos primeiros raios de sol da manhã seguinte, Bush caminhava pela mata do sítio com Diana, arte-educadora colombiana e que vivia ali havia um ano, interessada no conhecimento da natureza e envolvida amorosamente com Welton. Sentamo-nos por uns minutos num tronco de árvore para uma conversa mansa. Em seguida, fomos para a horta. Separamos e recolhemos terra boa, selecionamos vasos, fizemos mudas de plantas. Caio peneirava a terra e preparava espaço para o cultivo de sementes. Ivan e Carmen varriam as folhas do sítio. Bush matutava com um amigo um modo de acesso à

horta em forma de espiral que não exigisse dar a volta em círculos. “Uma ponte, talvez”. De vez em quando, o grupo cantarolava junto.

Eu e Diana fomos à cabana principal do sítio, onde havia uma cozinha e um dormitório, e cozinhamos juntas feijão verde, arroz com cebolinha e coentro, bananas e guacamole. Para beber, fizemos suco de abacaxi. Conversamos em português e em espanhol, em alternâncias livres. Mesclamos um pouco os idiomas. Falamos sobre as origens da cumbia e o canto das lavadeiras. Todos comemos, suspiramos, silenciamos, dividimos um cigarro de maconha e fomos embora, eu, Carmen e Ivan, que levava consigo Carrapato amarrado numa corda vermelha, caminhando lentamente pela estrada no retorno à nossa hospedaria na vila de Alter do Chão. Poucas semanas depois, o casal regressaria ao Caminho das Pedras e passaria a também viver ali por uma larga temporada, atendendo a um chamado dos afetos e relações.

O podemos compreender do espaço Caminho das Pedras numa poética do viajante? Para construir-se como elemento móvel, como conceito e como procedimento, o viajante independente também precisa se combinar àquilo que está fixo, territorialmente. Não só o contraste para que haja uma operação movediça; os elementos estáveis dos espaços são pontos de apoio, agregação e acúmulo de informações de cultura. De uma combinação entre essas duas dimensões de sociabilidade, o que chega e o que recebe (categorias igualmente não fixas, a depender das circunstâncias e perspectivas), é criada uma relação, um modo de realizar as aproximações. Nesse sentido, o sítio Caminho das Pedras funciona como importante agregador de viajantes e propulsor de criação mestiça, na medida em que favorece uma convivência viscosa entre os variados elementos ao seu redor, que pode ser efêmera ou duradoura, promover simples toques entre eles ou a articulação entre textos de cultura.

O local se provê, fundamentalmente, das relações que se depreendem da passagem de viajantes por ali, na maioria dos casos estrangeiros, que podem passar uma, duas noites, ou podem vir a integrar o espaço quase como moradia (ou até como escola), por longa fase de sua jornada em trânsito. Sabe-se da existência do Caminho das Pedras na própria estrada, à base da troca de experiências entre os viajantes. Carmen, por exemplo, ouviu dizer da boca de um anfitrião brasileiro que a havia hospedado poucas semanas antes, no Centro de São Luís, capital do Maranhão, da importância de conhecer o local. Ivan foi estimulado por outros artistas viajantes com

quem dividia uma maloca na vila de Alter do Chão, que haviam estado no sítio recentemente.

Ali toda a relação está intimamente relacionada ao ambiente, envolvendo todos os seres e coisas, em ecossistemas amalgamados aos processos culturais, e não protagonizados por indivíduos isoladamente. Podemos observar aí um meio de o viajante criar sua experiência a partir de dentro daquela cultura, elaborando sua poética num contato mais do que inevitável, *favorecido* e *acentuado* pelo entrelaçamento entre luz, sol, água, sujeitos, afetos, sentidos, bichos. Essa vocação para a circulação complexa incrementa a relação; e é desta relação que se nutre o viajante, canibal por excelência (VIVEIROS DE CASTRO, 2011), já que apto às incessantes incorporações de alteridades, e também um habilidoso escultor no processo criativo de montagens entre textos, não apenas na construção de sua rota bem como nos locais com os quais convive, aceitando os convites da cultura e oferecendo novas propostas, atuando como elementos permeáveis naquela esfera heterogênea de relações.

Lotman contribui para compreendermos essa relação quando discorre sobre as relações entre sistema e extrassistema, isto é, de que modo as incorporações de elementos circunstancialmente forasteiros sugere novos cursos ou sentidos ao fluxo de relações, aumentando o grau de informação daquele sistema e complexificando as estruturas em seu caráter movediço (LOTMAN, 1996, *passim*). O Caminho das Pedras poderia ser considerado um centro que agrega, fricciona e dissipa elementos partícipes e mecanismos de criação, puro diálogo e trânsito, uma vez que, segundo o semiótico, exige reciprocidade na troca de informações. Lotman indaga a necessidade de determinados sistemas de se proverem de textos externos, conforme podemos observar no seguinte trecho:

(...) por qué y en qué condiciones en determinadas situaciones culturales un texto ajeno se hace necesario. Esta cuestión puede ser planteada de otra manera: cuándo y en qué condiciones un texto “ajeno” es necesario para el desarrollo creador del “propio” o (lo que es mismo) el contacto con otro “yo” constituye una condición necesaria del desarrollo creador de “mi” conciencia (LOTMAN, 1996, p. 64).

Não apenas o espaço Caminho das Pedras opera com esse tipo de dinâmica. A vila de Alter do Chão é, ela mesma, agregadora e local propício para chegada e

assento de viajantes, oferecendo comunicabilidades abertas entre paisagens, moradores e viajantes. Indagado por mim sobre essa vocação do lugar, Welton responde: “Deve ser porque aqui tem muita água”.

Conforme nos indica Amálio Pinheiro, a relação com o sol e a água beneficia uma expansão do corpo em direção à sexualidade na cultura — o banho de rio, por exemplo, uma constante nas relações em Alter do Chão, é atividade erótica por excelência, e, portanto, dotada de forte potencial criativo.<sup>9</sup> “Na América Latina, o grande personagem é a natureza; o sujeito não é o centro do mundo”, afirma o pesquisador.<sup>10</sup>

Segundo Pinheiro, a capacidade de elaboração da linguagem não pode ficar somente num “alto” universo, sem considerar os elementos telúricos dos quais se alimenta. “Primeiro achavam que a Terra era o centro do mundo; depois, defendiam que era o Sol; Depois, era o sujeito; depois, a mente. Hoje, já se sabe que também não é a mente, porque as operações tradutórias da “natureza” são muito mais complexas”.<sup>11</sup> Acrescenta Pinheiro que a natureza atua como força operativa dentro das linguagens, não como componente exótico.<sup>12</sup> Pinheiro (2013, p. 18-19) situa a discussão na América Latina e aponta em nossas relações socioculturais uma intensificação da incorporação do alheio, manifestas em linguagens e formas em devir, realizadas em meio à ação dos ambientes.

Assim como num poema é desejável que se teçam nexos recíprocos da letra ao verso e às estrofes, do mesmo modo, guardadas as diferenças e proporções, podem-se verificar os encaixes e adaptações sintáticas das séries da natureza (todo o reino mineral, vegetal e humano-animal), e das séries da cultura (arquiteturas, festas, vestuário, culinária) com os processos criativos dos meios de comunicação, do jornal impresso à telemática (PINHEIRO, 2013, p. 20).

---

<sup>9</sup> Observação em sala de aula em 6 de abril de 2016, durante o curso Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e mestiçagem na América Latina, ministrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no período de 2016.1.

<sup>10</sup> Observação em sala de aula em 13 de abril de 2016, durante o curso Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e mestiçagem na América Latina, ministrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no período de 2016.1.

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> Observação em sala de aula em 18 de maio de 2016, durante o curso Teorias Culturalistas da Comunicação: mídia e mestiçagem na América Latina, ministrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no período de 2016.1.

Dialogando com Pinheiro (2013, p. 89), podemos observar que a experiência sociocultural e afetiva que se depreende do ambiente no Caminho das Pedras incorpora os componentes agregados de maneira rápida, ainda que por vezes em caráter provisório, num caráter radical de nomadismo. O sítio se desenvolve a partir das incursões dos viajantes no local, bem como se inscreve nos seus percursos e repertórios pessoais de culturas e afetos. Naquela circunstância, os viajantes independentes são visitantes e também criadores do espaço, realizando-o e amplificando o conhecimento que dali emerge, por meio do compartilhamento de experiências e agregação de sujeitos em comunicabilidade.

As mútuas e pluridirecionais incorporações de alteridades, que se dão num processo criativo que engasta sujeitos, bichos, coisas, plantas, paisagens e afetos, estão estreitamente relacionadas à circunstância básica de um situar-se do lado de fora, num entremeio de rotas, lugares e culturas. É a partir dessas relações que o viajante independente que circula pela América do Sul mantém a dinâmica de sua mobilidade, construindo relações de amizade, confiança, criando oportunidades para hospedar-se, para comer, de como chegar e também de como sair (-se) — dos lugares e das situações.

Ademais, a experiência desses caminhantes não se faz apenas de grandes façanhas, mas também da abertura para o convívio com o que contém certo grau de fixidez, durante o trajeto. O viajante transita não só por ruas, estradas e hospedarias coletivas, mas frequenta também casas de família e experiências corriqueiras dos sujeitos residentes dos lugares por onde passam, integrando-se às suas festas, ofícios e encontros.

Por exemplo, o homem que indicou o Caminho das Pedras para Carmen foi o fotógrafo maranhense Paulo S., residente em São Luís (Maranhão, Brasil). Ele costuma receber em sua casa viajantes oriundos dos mais diversos lugares, num diálogo construído pela própria mobilidade que Paulo adota, sempre viajando pelo Brasil e conhecendo pessoas. Ex-integrante de comunidades *hippies*, tendo viajado na juventude por diversos países, Paulo abre as portas de sua casa, situada numa rua de calçamento no Centro da capital, numa relação que oscila entre uma comunidade aberta às circularidades várias e o convite à participação do viajante à mais usual e cotidiana prática, como o aniversário do filho na casa da avó ou uma visita à casa do vizinho.



Nessa relação de trânsito entre a casa e a rua, temporariamente integrando um contexto familiar, relacionando-se não apenas com o transitório, mas também com um ambiente mais aproximado da estabilidade, constrói-se uma relação de dentro e fora. Esta é mais uma camada do entrelaçamento entre o aberto e o fechado que é favorecida pelo trânsito de viajantes pela América do Sul.

Apoiando-nos em Delgado (1999, p. 13), poderíamos afirmar que, aberta aos convites do meio do caminho, da viagem independente derivam-se sociedades instantâneas, que se produzem entre desconhecidos em inclusões transitórias, móveis, dotadas de grande poder de adaptação. No exemplo citado, haveria negociações, deslizamentos, entrecruzamentos entre a casa e a rua, jogos entre o convívio familiar e um descolamento da vida institucionalizada em grupo, através deste mesmo convívio, com a família do outros, escapar dele mesmo.

Durante seu percurso, as trajetórias desses andarilhos não apenas se cruzam com (micro) rotas de pessoas que estão em sua jornada rotineira, como atravessam o itinerário de outros viajantes, deparam-se com paisagens naturais/culturais diversas diariamente e combinam-se a elas levando consigo seu próprio repertório cultural. Todos esses elementos, postos em contato e fricção, produzem algum nível de transformação mútua. Os fluxos de cada um se tocam entre si e, rapidamente, se distanciam, pela própria dinâmica da jornada, sempre em movimento. Por vezes, abrigam um breve assento dos viajantes, que se integram às localidades e constroem relações com os residentes e seus costumes. A tendência, no entanto, é que, durante uma viagem, os vínculos sejam feitos e desfeitos rapidamente, em pactos temporários.

En los espacios públicos la territorialización viene dada sobre todo por los pactos que las personas establecen a propósito de cuál es su territorio y cuáles los límites de ese territorio. Ese espacio personal o informal acompaña a todo individuo allá donde va y se expande o contrae en función de los tipos de encuentro y en función de un buscado equilibrio entre aproximación y evitación (DELGADO, 1999, p. 30).

De acordo com o autor, essas relações, que se dão eminentemente no espaço público externo, são esponjosos, nas quais quase nada tem o privilégio de “ficar”, apenas de “passar”. Há um jogo entre territorializar-se, desterritorializar-se e reterritorializar-se, caracterizado por uma sucessão não linear de um amontoado de

componentes instáveis — e, acrescentamos, de elementos estáveis também, que deslizam entre si.

Es en esas arenas movedizas donde se registra la concentración y el desplazamiento de las fuerzas sociales que las lógicas urbanas convocan o desencadenan, y que están crónicamente condenadas a sufrir todo tipo de composiciones y recomposiciones, a ritmo lento o en sacudidas. El espacio público es desterritorializado también porque en su seno todo lo que concurre y ocurre es heterogéneo: un espacio esponjoso en el que apenas nada merece el privilegio de *quedarse* (DELGADO, 1999, p. 46).

Essas fronteiras são permeáveis a partir de um movimento de interação. Delgado (2011, p. 45) compreende a interação como uma articulação de subjetividades com iniciativas, potencialidades e objetivos próprios, criando realidades e oportunidades por meio da subversão de estruturas sociais preexistentes. Por isso, esses encontros e a construção de um convívio entre viajantes e residentes que acabam de se conhecer têm uma relação direta com a observação, a circulação e adesão entre sujeitos e ambientes.

De acordo com Morin, quanto maior a diversidade e a complexidade dos fenômenos em interação, maior a diversidade e a complexidade dos efeitos resultantes, o que nos conduz ao debate no contexto do espaço público externo da América do Sul, considerando sujeitos e culturas em permanente trânsito, semiótico e também literal, podendo perceber vasto potencial criador. Assim, consideramos o que o autor chama de “calor cultural”:

O calor é uma noção que invadiu o universo físico. Em toda parte onde há calor, isto é, agitação de partículas ou átomos, o determinismo mecânico deve abrir espaço para determinismo estatístico, e a estabilidade imutável deve ceder lugar a instabilidade, turbulências ou turbilhões. Assim como o calor se tornou uma noção fundamental no devir físico, é preciso dar-lhe um lugar de destaque no devir social e cultural, o que nos leva a considerar, onde há “calor cultural”, não há um determinismo rígido, mas condições instáveis e movediças. Do mesmo modo que o calor físico significa intensidade/multiplicidade na agitação e nos encontros entre partículas, o “calor cultural” pode significar intensidade/multiplicidade de trocas, confrontos, polêmicas entre opiniões, ideias, concepções. E, se o frio significa rigidez, imobilidade, invariância, vê-se então que o abrandamento da rigidez e das invariâncias cognitivas só pode ser introduzido pelo “calor cultural” (MORIN, 2008, p. 35).

Nossas sociedades se compõem, então, de conjuntos móveis assimétricos, em diálogo e conflito, em alternâncias entre ordem e desordem, o que gera criação e reorganização. Conduzindo nossa discussão em vaivém pelos pontos da rota de viajantes na América do Sul, agora saindo do Maranhão e retornando ao norte do Brasil, estados como Pará e Amazonas estão interligados por vias fluviais nas quais barcos de diversos portes e estruturas transportam passageiros das populações ribeirinhas e visitantes. O tempo de percurso varia a depender da origem e destino de cada viagem, podendo durar de algumas horas até quatro dias, por exemplo.

Durante o percurso, os passageiros apinham-se em redes armadas nas estruturas das embarcações, lado a lado, em uma convivência intensa e contínua. Nesse espaço, os passageiros integram-se em jogos, conversas, dividem mesa, banheiro, criam breves laços pessoais, numa mescla de um ambiente comunitário e de trânsito. No trajeto, outros barcos se aproximam e intercambiam gente e mercadoria. A população ribeirinha também participa, atravessando a correnteza do rio em pequenas canoas e recolhendo provisões arremessadas pelos passageiros do barco. Alguns remam até bem perto do *ferry boat* e emparelham na embarcação, lançando um gancho de metal e escalando por uma corda até estarem do lado de dentro do barco. Vendem palmito de açai ou pedem dinheiro. Eminentemente num ambiente de trânsito, as relações que são estabelecidas ao longo das horas e dos dias de deslize pelos rios são ressignificadas a partir de sentidos de comunidade, criando vínculos débeis, porém potencialmente elementos criadores de afetos, relações e destinos.

Ainda em diálogo com o autor, percebemos nessas relações as interações das quais trata Morin, quando aponta o potencial transformador em via múltipla possibilitado pelos pontos de contato e interseção entre os elementos. “As interações são ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza de elementos, corpos, objetos, fenômenos em presença ou em influência” (MORIN, 2005, p. 72).

O número e a riqueza das interações aumentam quando se passa ao nível das interações, não mais apenas entre partículas, mas entre sistemas organizados, átomos, astros, moléculas e sobretudo seres vivos, sociedades; quanto maiores a diversidade e a complexidade dos fenômenos em interação, maiores são a diversidade e a complexidade dos efeitos e transformações resultantes dessas interações (MORIN, 2005, p. 72).

Por fim, podemos trazer também para a discussão a concepção de sistema aberto, de Morin. Segundo o autor, essa abertura é alimentada pelo fluxo de componentes, a partir das interações; não sem combinar-se aos sistemas fechados.

Embora tenhamos tendência a considerar as fronteiras essencialmente como linhas de exclusão, a palavra fronteira, aqui, revela a unidade da dupla identidade, que é ao mesmo tempo distinção e pertencimento. A fronteira é ao mesmo tempo abertura e fechamento. É na fronteira que ocorrem a distinção e a ligação com o ambiente. Toda fronteira, inclusive a membrana dos seres vivos, inclusive a fronteira das nações, é barreira e, ao mesmo tempo, o local da comunicação e da troca. Ela é o lugar da dissociação e da associação, da separação e da articulação. Ela é o filtro que ao mesmo tempo obstrui e deixa passar. É através dela que se estabelecem as correntes osmóticas e ela que impede a homogeneização (MORIN, 2005, P. 252).

Isso nos conduz a considerar, então, as fronteiras, ou seja, as mobilidades entre sistemas abertos e sistemas fechados que permitem as trocas, as interpenetrações entre culturas, costumes e práticas. Nesse sentido, a combinação entre um dentro e um fora são uma operação fundamental na criação da mobilidade *callejera* desses viajantes.

## **REFERÊNCIAS**

DELGADO, Manuel. **El animal público**. Hacia una antropología de los espacios urbanos. Editorial Anagrama: Barcelona, Espanha, 1999.

\_\_\_\_\_. **El espacio público como ideología**. Madrid: Catarata, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sociedades movedizas**. Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Anagrama, 2007.

LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Seleção e tradução do russo para o espanhol por Desidério Navarro. Capítulo final de Manuel Cáceres. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

LOTMAN, Yuri M. **Cultura y explosión**. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Prólogo de Jorge Lozano. Gedisa Editorial: Barcelona, Espanha, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **O método 1: a natureza da natureza**. Trad. Ilana Heineberg. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O método 4**. As ideias. Habitat, vida, costumes, organização. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PINHEIRO, Amálio. **América Latina**: barroco, cidade, jornal. São Paulo: Intermeios, 2013.

\_\_\_\_\_. **Aquém da identidade e da oposição**. Formas na cultura mestiça. Prefácio de Lúcia Santaella. Piracicaba: Unimep, 2004.

\_\_\_\_\_. O texto em expansão: crônica jornalística e paisagem cultural na América Latina. In: PINHEIRO, Amálio (Org.). **O meio é a mestiçagem**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

\_\_\_\_\_. Por entre mídias e artes, a cultura. In: NORA, Sigrid (Org.). **Húmus 2**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: \_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem** – E outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2011.